

Prisco converte votos para presidencialismo

BRASÍLIA — O ministro da Habitação e Urbanismo, Prisco Vianna, converteu no mínimo sete votos ao presidencialismo, horas antes da votação em plenário: os do deputado José Geraldo Ribeiro (PMDB-MG) e de toda a bancada do PMDB de Sergipe. "O Ulysses liberou a bancada", desculpou-se o senador Albano Franco, que é presidente da Confederação Nacional da Indústria (CNI) e capitaneia a bancada sergipana. O senador vinha trabalhando publicamente pelo parlamentarismo.

Aflito, Albano teve a sétima conversa com Prisco Vianna, nos últimos meses, às 19h30min de segunda-feira, no ministério. Antes de entrar no gabinete, cenho franzido, Albano admitia: "O governo federal e os governadores estão investindo duro. Acho que reverteu tudo". Como exemplo, citou Expedito Machado: "Ele sempre me dizia que era parlamentarista, mas hoje disse que vai votar no presidencialismo". Referia-se ao deputado Expedito Machado (PMDB-CE), integrante do grupo Centro Democrático, que arremetera a bancada cearense para a mudança de voto na última hora.

Albano, depois da conversa com Prisco, continuava aflito e telefonou para Ulysses: "A pressão está irresistível"... Ulysses não fez o que o senador esperava: a contrapressão. No dia da votação, Albano reuniu a bancada de Sergipe duas vezes em seu gabinete: a primeira vez, às

11h; a segunda, às 14h. Nessa última estava presente nada menos que o contrário José Carlos Teixeira, candidato do PMDB derrotado para a eleição de governador, em 86. Só que Teixeira, agora, é diretor da poderosa Diretoria de Loterias da Caixa Econômica Federal — um órgão vinculado ao ministério de Prisco.

— Desafio qualquer um a dizer que aceitei favores do governo para mudar este ou qualquer outro voto? — disse ao JORNAL DO BRASIL, no plenário, ao lado do deputado José Geraldo, o senador da CNI. Em favor da tese do parlamentarismo, ele sempre dizia que os empresários cariocas, por exemplo, apoiariam. Sua frase foi dita exatamente cinco minutos antes do início da votação.

Um assessor de Prisco Vianna — que assistiu a toda a votação, pela TV, do gabinete do líder do governo, Carlos Sant'Anna — comemorou também a mudança de voto de José Geraldo Ribeiro. "Foi o ministro que conseguiu", disse ele, adiantando a justificativa do deputado, pelo menos a justificativa oficial: "Como não houve acordo para o parlamentarismo com cinco anos..."

A conversão de Geraldo foi especialmente importante para o governo, pois ele tinha estado com o ministro do Exército, Leônidas Pires Gonçalves, na semana anterior, e tinha dito aos jornalistas que o Exército não faria carga contra o parlamentarismo e acataria os resultados da Constituinte.



Seac garante que foi só coincidência, mas favelados chegaram com faixas prontas pró-cinco anos de mandato

Ministro cabalou até o fim

A sessão já havia começado quando o ministro da Habitação e Urbanismo, Prisco Viana, entrou às três da tarde no gabinete do líder do governo na Constituinte, deputado Carlos Sant'Anna, e anunciou: "Podem somar mais três votos para o presidencialismo. Fechamos com 320 votos". Três horas e meia depois, enormes olheiras, o ministro relaxou a guarda, ergueu os punhos e agradeceu, irônico, a "ajuda" dos senadores Luis Viana Filho (PMDB-BA) e Afonso Arinos (PFL-RJ) que, segundo sua avaliação, somaram com o governo ao não convencerem em seus discursos em favor do parlamentarismo.

"O discurso do Viana foi fraco", disse. "O do Arinos, terminou engraçado. A falta de empolgação desses pronunciamentos nos deram mais 24 votos", comemorou, dirigindo-se ao secretário geral do Ministério da Habitação, José Luis Santana.

As últimas negociações e as noites de vigília acabaram valendo a pena. Um dos assessores que acompanhavam Prisco no gabinete da liderança informou que nas últimas horas ele conquistara 10 votos para o presidencialismo. O ministro sem confirmar, ensinou: "Eu nunca morreria pela boca, este é o momento de ficar quieto".

Com a vitória do presidencialismo — "foram 62 por cento dos votos", contabilizou —, ele assegurava, tranquilo, a vitória dos cinco anos de mandato: "Criou-se o clima favorável. Agora é preciso ter muito cuidado". A mesma cautela vale para a possibilidade de formalização de um bloco sarneyista, a partir de agora,



Brasília — José Varella

Prisco: grato a adversários

na Constituinte e sobre o futuro do mandato de Sarney, no momento da votação das Disposições Transitórias: "Uma palavra a mais ou a menos pode mudar voto. Não adianta insistir".

Desagrado, mesmo, Prisco não conseguiu disfarçar no momento em que o líder do PMDB na Constituinte, senador Mário Covas disse, em sua defesa do parlamentarismo: "Para que nunca mais, com a morte de um presidente, tenhamos um vice fazendo o que não queremos". Prisco Viana ergueu as sombrancelhas e comentou: "Argumento miúdo".

Aureliano se escandalizou com proposta

BRASÍLIA — Pelo menos um ministro de Estado se mostrou horrorizado com o presidencialismo preconizado pelo senador Humberto Lucena — Aureliano Chaves, das Minas e Energia. Em telefonema à deputada Sandra Cavalcanti (PFL-RJ), ontem cedo, o ministro falou em "presidencialismo que tomou talidomida". Ele ficou espantado sobretudo com a possibilidade de o presidente poder delegar o comando supremo das Forças Armadas, assim como a promoção dos oficiais-generais e a nomeação dos comandantes.

No fim da tarde de segunda-feira, Sandra Cavalcanti mandara para Aureliano Chaves uma cópia do projeto de Lucena. Ela dizia ter certeza de que a maioria dos políticos que apoiava a proposta, fazia-o por desconhecer seus absurdos, como a adoção de decretos, chamados medidas provisórias, com força de lei. Depois de ler a emenda, Aureliano ligou para a deputada e se declarou "escandalizado", mas teve o cuidado de dizer que não poderia tomar nenhuma atitude para evitar que a bancada pefealista aprovasse o presidencialismo de Lucena. "Mas eu posso pelo menos ligar para cada pefealista, e dizer que o senhor ficou escandalizado?", perguntou-lhe Sandra. O ministro respondeu afirmativamente.

Em seguida, Aureliano telefonou para Humberto Lucena, contou-lhe de seu espanto e disse claramente que não concordava com a aprovação da emenda.

Seac levou favelados de todo o país para apoiar cinco anos

BRASÍLIA — De ônibus ou avião, a Secretaria de Ação Comunitária — Seac —, do governo federal, trouxe a Brasília centenas de representantes de associações de bairro, moradores de favelas e cortiços de todo o Brasil para participar da manifestação pelo presidencialismo e cinco anos de mandato para o presidente Sarney.

O pretexto é a realização hoje e amanhã do seminário Fala Favela, patrocinado pela Seac, que além de financiar as viagens de ônibus, despesas com hospedagem e alimentação, forneceu também passagens aéreas para as lideranças comunitárias dos estados mais distantes, como o Amazonas e o Rio Grande do Sul.

Do Amazonas, pela Varig, vieram sete representantes da Federação Comunitária, segundo Rosemeire Leandres Karceles, 35 anos, presidente da entidade. Do Rio Grande do Sul vieram 27 pessoas. "Parte de avião, parte de ônibus. Tudo pago pela Seac", segundo Firmo Trindade, 60 anos, 1º secretário da Confederação Nacional das Associações de Moradores, ferrenho adepto dos cinco anos de mandato para o presidente Sarney.

"Eu não vim aqui pra isso", garantia Leônidas Siqueira da Silva, 31 anos, fiscal de transportes e representante da Federação de Moradores do Mato Grosso. "Vim para fazer um documento de reivindica-

ções ao presidente Sarney. Não para fazer um documento de apoio ao seu governo".

Lanche e camiseta — Indignado com o que considerava uma "carneirice", Leônidas protestava contra o teor do documento, distribuído justamente na antecâmara do gabinete do secretário da Seac, Nelson Proença, na reunião realizada depois do almoço servido na Churrascaria Floresta, na Galeria dos Estados, Setor Comercial Sul.

No gramado do Congresso desde as duas da tarde, integrantes de associações de moradores das cidades satélites portavam faixas e cartazes e vestiam camisetas pedindo mandato de cinco anos para Sarney. Aguardavam a chegada do "doutor Martinho da Seac", para ver se conseguiam ir até as galerias "defender o Sarney".

"Ontem a gente veio à Seac para combinar tudo. Local dos ônibus, esquema do lanche, onde pegar as camisetas", contava Elói Conceição, da Associação de Moradores da Expansão da QE 38, no Guarã II, que pegou as camisetas na casa da Linda Maria Gonçalves de Souza, 24 anos, Secretária da Associação da QE 38.

Linda negava que as camisetas tenham sido doadas pela secretaria. "Nós que fizemos", dizia, admitindo, no entanto, que a convocação para a manifestação foi do "doutor Martinho", que forneceu os ônibus e prometeu o lanche.

Promessas — "Se a gente não viesse eles tiravam o leite", contou Fátima Maria de Jesus, 54 anos, de Taguatinga, referindo-se ao programa de distribuição de leite patrocinado pela secretaria.

Para os 130 representantes de São Paulo, que vieram em três ônibus, a Seac prometeu mais que leite. Acenou com a liberação de Cz\$ 1,1 bilhão para a construção de 10.078 casas, segundo Vicente de Paula Ferreira, 39 anos, tesoureiro da União de Moradores de Aluguel e Cortiços da Zona Leste de São Paulo.

"Esse dinheiro tá na mão de Sebastião de Andrade, secretário adjunto da Ação Comunitária, cunhado do ex-ministro Aníbal Teixeira", informou. "Queremos que passe para a mão das associações, como prometeu o doutor Nelson Proença".

Os paulistas foram convocados para vir a Brasília no último domingo, quando, numa reunião no sindicato de motoristas, o secretário geral da Federação de Mato Grosso, Valmir Cardoso, falando em nome da Seac e da Confederação Nacional das Associações de Moradores, convocou para a manifestação e o seminário, segundo garantiu d. Lindaura Rosa, presidente da União de Moradores da Zona Leste.

"Uma mão lava a outra", disse. "A gente defende os cinco anos, eles dão a grana para as casas. Pobre não tem outra saída. Tá sempre na mão do governo mesmo".

Audiência com Sarney foi só promessa

Na sexta-feira à noite foi marcada para ontem a votação do sistema de governo. Sábado, Ronald Vande Kamp, responsável pelo programa Fala Favela, da Seac, fez a convocação para que os representantes dos movimentos de favelas do Rio estivessem ontem em Brasília. Durante todo o fim de semana Ronald e Valmir Cardoso, representando a Confederação Nacional das Associações de Moradores, convocaram os representantes desses movimentos em todos os estados brasileiros para o seminário Fala Favela, que se realiza hoje e amanhã. Para que todos chegassem ontem, foi prometida uma audiência com o presidente Sarney, que não houve.

"Isso foi apenas uma coincidência e um mal-entendido. Estou tentando marcar uma audiência com o presidente", justificava-se Nelson Proença, secretário da Seac. Proença negou que a Seac tenha promovido ou incentivado essas manifestações de apoio ao presidente Sarney, ao

presidencialismo e aos cinco anos de mandato.

Negou também que a Seac tenha pago os ônibus para os manifestantes das cidades satélites ou tenha fornecido as camisetas que usavam. "Seria muita ingenuidade nossa", alegou, para, constrangido, admitir no entanto, que o "doutor Martinho", citado pelos manifestantes como agenciador da manifestação, é funcionário do programa do leite.

Quinto escalão — "O Martinho nem é doutor, mas um funcionário de quinto escalão aqui. Talvez por ingenuidade tenha vinculado o programa do leite à manifestação", reforçou, prometendo que hoje fornece todos os custos do seminário Fala Favela.

Na Churrascaria Floresta almoçaram por conta da Seac cerca de 250 pessoas. Os serviços de rodízio dessa churrascaria custam Cz\$ 390,00 por pessoa. Só na refeição a Seac pode ter investido perto de Cz\$ 100 mil. Refrigerantes e cervejas

estavam liberados. Custam nos bares de Brasília Cz\$ 80,00 a cerveja e Cz\$ 25,00 o refrigerante. Um dos funcionários da churrascaria informou que a cerveja estava sendo cobrada da Seac a Cz\$ 60,00. Uma passagem de ida e volta Manaus/Brasília custa Cz\$ 36.420,00. A Seac pagou "algumas", segundo Firmo Trindade, da Confederação Nacional das Associações de Moradores.

Do Rio de Janeiro vieram 10 ônibus. O frete de um ônibus para essa viagem custa Cz\$ 190.000,00. De São Paulo vieram três ônibus, cada um deles custando Cz\$ 170.000,00. De todos os estados do Brasil vieram representantes para o seminário Fala Favela. Todas as despesas de hospedagem, alimentação e transporte correm por conta da Seac. Essas pessoas, cerca de 500 segundo funcionários da Seac, ficarão quatro dias na capital federal. Mas o secretário Nelson Proença garante que os custos do seminário serão "muito baixos".

Romaria a Newton mostra valor do voto

Governador cobra fidelidade de quem vive de sua ajuda

BRASÍLIA — "Meu governador, eu vim aqui para saber como o senhor quer que eu vote". A frase, dita pelo deputado José Geraldo Ribeiro no início da noite de segunda-feira, no apartamento 706 do Hotel Nacional, espantou o deputado Raul Belém, também do PMDB mineiro. Belém não esperava uma adesão tão fácil do então parlamentarista José Geraldo à tese presidencialista do governador de Minas, Newton Cardoso, que os recebia para o que classificava de "conversa franca".

O deputado contaria depois a seus colegas de bancada que ainda procurou lembrar a José Geraldo que, horas antes, ele apoiava o parlamentarismo. Mas o interlocutor de Newton Cardoso não se perturbou. "Fui parlamentarista enquanto existia a possibilidade do acordo pregado por Ulysses Guimarães. Já que isso não existe mais, voto como vota meu governador", afirmou.

Susto — Na noite de segunda-feira e na manhã de terça, Newton falou com cerca de 20 dos 35 constituintes do PMDB de Minas, ora pedindo a parlamentaristas que revissem sua posição, ora confirmando adesões ao presidencialismo. O deputado José Ulysses,

que espontaneamente procurou o governador no hotel, levou um susto.

"Você não deve esquecer que sua mulher tem um cargo federal", lembrou-lhe o governador. Ulysses não esperava que a diretoria da Legião Brasileira de Assistência (LBA) ocupada por sua mulher em Belo Horizonte, se transformasse em objeto de troca. A surpresa e o risco de ter um desempregado na família não impediram que o parlamentar sustentasse sua posição parlamentarista.

A trajetória do deputado José da Conceição, que começara a semana como parlamentarista definido e chegou para votar declarando-se "dilacerado pela indecisão", revelou outra modalidade de pressão patrocinada pelo governador mineiro. Conceição, que atuou como secretário de Transportes em Minas até o fim do ano passado, foi devolvido à Constituinte justamente para relegar à suplência o parlamentarista Israel Pinheiro. No entanto, surpreendeu o governador ao se declarar simpático à tese de mudança de regime. Newton não o perdoaria e, por saber disso, o parlamentar decidira esquivar-se de um encontro com o governador. Limitou-se a falar com o secretário de Assuntos Municipais de Minas, Nilberto Moreira, também hospedado no Nacional.

Desafetos — Moreira confirmou a Conceição que Newton não lhe

perdoaria a infidelidade. A ameaça, no entanto, não foi o suficiente para abalar o deputado. Ciente desse fracasso temporário, a assessoria de Newton Cardoso atravessou a madrugada lembrando aos prefeitos e vereadores da região eleitoral de Conceição — o norte de Minas — que a liberação de obras pelo governo para diversos municípios estava condicionada ao comportamento do parlamentar na votação do sistema de governo. "Passei a noite em claro, atendendo apelos pelo telefone", confessou ontem pela manhã o parlamentar, já admitindo votar a favor do presidencialismo. "premio pela situação regional".

Quanto aos deputados com os quais não fala, por considerá-los desafetos — nesse caso estão Mauro Campos e Hélio Costa — o governador sabia que eles seriam pressionados pelo governo federal. Campos foi procurado pelo ministro dos Transportes, José Reynaldo, que o ameaçou com a perda dos contratos públicos de fretamento de navios da Flumar, empresa da qual o parlamentar é sócio minoritário. O deputado resistiu e votou contra o presidencialismo. Costa, por sua vez, foi chamado pelo ministro-chefe da Casa Civil, Ronaldo Costa Couto, que, em tom civilizado, lhe lembrou seus interesses na área de telecomunicações; conseguiu que o parlamentar entrasse para votar pensando na abstenção.